Um olhar sobre o papel do IC-UA, por Luís Castro

路易斯·卡斯特罗：阿威罗大学孔子学院重要性之我见

Luís Castro
Vice-reitor da Universidade de Aveiro

Em dezembro de 2018, o Doutor Luís Castro, Vice-reitor da Universidade de Aveiro, deslocou-se a Chengdu (China) para participar na 13.ª Conferência dos Institutos Confúcio, em representação da Universidade de Aveiro.

Matilde: *Senhor Vice-reitor, quais as suas impressões sobre esta viagem e sobre a conferência em Chengdu?*

LC: Considero que a viagem e as consequentes interações que daí decorreram foram bastante positivas. Da Universidade de Aveiro (UA) viajaram também o Prof. Carlos Morais e a Dra. Guo Zhiyan, diretores do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro (IC-UA). O ponto central foi obviamente a nossa participação na 13.ª Conferência Internacional dos Institutos Confúcio, ocorrida em Chengdu. Foi uma conferência com uma dimensão bastante apreciável, contando com a participação de mais de 1 500 delegados, provenientes de mais de 150 países, tendo-se pautado por incluir várias temáticas inerentes aos diversos institutos Confúcio ali representados, mas preocupando-se especialmente com discussões associadas a um novo desenvolvimento, através de reformas e inovação, perspetivando um "futuro mais brilhante, a atingir através de esforços concertados. A organização do congresso esteve a cargo do Hanban (Instituto Confúcio Sede), que tutela 525 Institutos Confúcio e 1115 Salas Confúcio espalhados pelo mundo. Além de ter tido a oportunidade de interagir com múltiplos colegas chineses e representantes de outros Institutos Confúcio espalhados pelo mundo, tive o gosto de apresentar na conferência uma comunicação oral dentro da temática '*Chinese +' Individualized Development Strategies*, em que tive a oportunidade de incluir a descrição de algumas das iniciativas do IC-UA.

O encerramento da conferência, a 5 de dezembro, contou com a presença do Vice-Ministro da Educação da China, Tian Xuejun. No seu discurso de encerramento, Tian Xuejun expressou o desejo de que a China e os demais países contribuam de forma sábia e pujante no sentido da promoção da comunicação e da construção conjunta da comunidade do futuro, em prol do bem da humanidade e da criação de um "futuro brilhante para os seres humanos".

Ainda em Chengdu, sob a égide da Dalian University of Foreign Languages, estabeleceu-se um acordo de amizade e cooperação entre as seguintes instituições de ensino superior: Novosibirsk State Technical University, Okayama Shoka University, Incheon National University, EAFIT University, Yerevan Brusov State University of Languages and Social Sciences, Universidade de Brasília, University of Guyana, Universidade de Aveiro, Kore University of Enna e University of Carthage.

@2021 O autor | Artigo em acesso aberto distribuído mediante os termos da licença Creative Commons CC BY 4.0
DOI: 10.34624/fenix.v0i1.26749

M: *Foi a sua primeira viagem à China ou já lá tinha ido anteriormente?*

LC: Já tinha tido a oportunidade de ir à China outras vezes. Anteriormente, essas viagens ocorreram sempre em contextos de trabalho de investigação, dado que tenho o prazer de conhecer e interagir cientificamente com alguns colegas chineses, na área da Matemática. Entre outras consequências, tal deu-me a possibilidade de apresentar comunicações científicas em algumas universidades chinesas e de, por esta via, contactar com algumas outras regiões da China.

M: *Relativamente à sua última viagem, quais as principais mudanças que pôde observar?*

LC: É notória uma grande quantidade de mudanças ao nível das infraestruturas e ao nível da sociedade chinesa, nos últimos anos. Relevo como muito significativas as diferenças que se vislumbram a nível social e dos respetivos comportamentos humanos. Neste aspeto, saliento a grande influência que as novas tecnologias têm na vida das pessoas, nas cidades chinesas com um grande número de habitantes.

"Em Chengdu sente-se que os chineses têm prazer em usufruir da sua cidade de uma forma tranquila e isto acaba por contagiar os visitantes..."

M: *Chengdu é conhecida como a terra da abundância. O que é que mais o impressionou nesta sua breve passagem pela cidade?*

LC: Realmente faz parte de uma zona da China que não conhecia e que tem aspetos diferentes dos de outras regiões. O que mais me impressionou foi a maior calma e um certo relaxamento no encarar da vida do dia a dia que encontrei nos habitantes de Chengdu. Isto, em contraponto com o que percecionei, no passado, noutras cidades chinesas. Em Chengdu sente-se que os chineses têm prazer em usufruir da sua cidade de uma forma tranquila e isto acaba por contagiar os visitantes... O usufruto dos espaços verdes por parte dos habitantes da cidade é algo que a mim me deixa sempre com um sentimento muito positivo – mas este aspeto da sociedade chinesa, que foi possível constatar em Chengdu, também se vislumbra noutras cidades. Como aspeto bastante particular (mas que serve como fator de união e coesão local), saliento o notório orgulho dos chineses de Chengdu por contribuírem para a preservação dos pandas nesta região.

M: *Uma das principais iniciativas do Presidente chinês Xi Jinping é a Iniciativa "Uma faixa, uma rota". Qual a importância desta iniciativa, lançada no ano 2013, para a cooperação sino-portuguesa?*

LC: A iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota", numa óbvia

alusão à Faixa Económica da Rota da Seda e à Rota da Seda Marítima, constitui-se —a meu ver— como uma abertura da China a todo o seu exterior. Congregando várias iniciativas, onde se incluem desde logo as infraestruturas, esta iniciativa tem o objetivo genérico de lançar parcerias e de estreitar relações de cooperação entre a China e os demais países. No fundo, a iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota" apresenta-se como uma proposta da China para uma abordagem cooperativa entre povos, com um amplo e significativo leque de possibilidades. Neste âmbito, parece-me evidente que a China está a dar grande ênfase às infraestruturas, como motor para a implementação de uma estratégia de reformulação do mapa económico e político mundial. Julgo ser isto fácil compreender, pois as infraestruturas facilitarão etapas de intercâmbio posteriores. Em todo o caso, não vislumbro restrições nas possibilidades de colaboração. Portanto, no que toca a Portugal, diria que também a nós nos cabe uma quota-parte de responsabilidade e de criatividade para participar de forma mais alargada na iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota". Se quiser um exemplo um pouco mais concreto, diria que dentro desta Iniciativa muito se pode fazer nas trocas culturais sino-portuguesas.

M: *Que papel positivo acha que o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro (IC-UA) pode desempenhar nos intercâmbios culturais entre Portugal e a China?*

LC: Penso que o IC-UA está em excelentes condições para continuar a contribuir para o estreitar das relações culturais sino-portuguesas. Uma das vias óbvias que poderá potenciar ainda mais este estreitamento tem que ver com o intercâmbio e a partilha de experiências entre os académicos de cada país. Adicionalmente, poderá continuar a inovar na introdução de ações junto da população da região, no sentido de aumentar o conhecimento sobre as culturas lusófona e chinesa, aproveitando ao mesmo tempo para (direta ou indiretamente) valorizar as raízes e os recursos culturais de Portugal.

M: *Em 2018, aquando da sua visita a Chengdu, o IC-UA ganhou o prémio de "Instituto Confúcio do Ano", que muito se deve ao forte apoio concedido pela Universidade de Aveiro.*

De que modo pensa que a cooperação do Instituto Confúcio com os diferentes departamentos da Universidade pode ser reforçada?

LC: De facto, foi com muito gosto que em Chengdu, na tarde de dia 5 de dezembro de 2018, o IC-UA recebeu

"...o IC-UA recebeu o Prémio de Melhor Confúcio do Ano [...], atendendo à sua profícua e diversificada atividade, bem como ao dinamismo de todos os seus recursos humanos..."

Prémio Confúcio do ano 2018 (Chengdu)

o Prémio de Melhor Confúcio do Ano, prémio este, aliás, absolutamente justo e justificado, atendendo à sua profícua e diversificada atividade, bem como ao dinamismo de todos os seus recursos humanos, com especial ênfase para as pessoas da respetiva direção, Dra. Guo Zhiyan e Prof. Carlos Morais. Ao nível interno da UA, julgo que o IC-UA poderá ser ainda mais dinâmico ao juntar diferentes unidades orgânicas da UA nas suas atividades anuais. Diria que o IC-UA poderá ser até um elo de união e motivação adicional para ações conjuntas das diferentes unidades orgânicas. Já tive a oportunidade de conversar em detalhe com o Prof. Carlos Morais sobre este aspeto, parecendo-me que ele possui ideias muito interessantes para o futuro e que vão ao encontro do que acabo de referir.

"Penso que o IC-UA se deverá pautar por uma partilha e cooperação com toda a região, não só ao nível do ensino de mandarim e da promoção da cultura chinesa, mas também num reforço da identificação de elos de ligação entre a cultura portuguesa e a cultura chinesa."

M: *O IC-UA tem já um rico historial de cooperação com os municípios da região (S. João da Madeira, Espinho, Estarreja, Águeda, Aveiro) no desenvolvimento de atividades de ensino de mandarim e de promoção da cultura chinesa. Acha que esta cooperação ajuda a reforçar o papel da Universidade como agente dinamizador da região?*

LC: Penso que o IC-UA se deverá pautar por uma partilha e cooperação, com toda a região, não só ao nível do ensino de mandarim e da promoção da cultura chinesa mas também num reforço da identificação de elos de ligação entre a cultura portuguesa e a cultura chinesa. Julgo que este será um elemento chave para elevar ainda mais as valências do IC-UA e o transformar num verdadeiro canal com dois sentidos de partilha cultural sino-portuguesa. Obviamente que para a UA, tal se enquadra num dos seus objetivos estratégicos e que passa por possuir um grande envolvimento e intervenção na região onde a UA se insere.

M: *O Sr. Vice-reitor Luís Castro passou a ser membro da recém-criada Associação dos Amigos do Instituto Confúcio, o que muito nos honra. Que atividades espera que o IC-UA desenvolva para ter um papel mais ativo no seio da Universidade e da região?*

LC: Penso que o IC-UA se deverá pautar por uma partilha e cooperação com toda a região, não só ao nível do ensino de mandarim e da promoção da cultura chinesa, mas também num reforço da identificação de elos de ligação entre a cultura portuguesa e a cultura chinesa. Julgo que este será um elemento-chave para elevar ainda mais as valências do IC-UA e o transformar num verdadeiro canal com dois sentidos de partilha cultural sino-portuguesa. Obviamente que tal se enquadra num dos seus objetivos estratégicos da UA, que passa por possuir um grande envolvimento e intervenção na região em que nos inserimos.

M: *O Sr. Vice-reitor Luís Castro passou a ser membro da Associação dos Amigos do Instituto Confúcio, o que muito nos honra. Que atividades espera que o IC-UA desenvolva para ter um papel mais ativo no seio da Universidade e da região?*

LC: A honra é toda minha em ter sido considerado membro da Associação dos Amigos do Instituto Confúcio (e, ainda por cima, tendo-me sido atribuído o número redondo 1000). Com o dinamismo que o IC-UA tem tido, fica difícil apontar ainda mais atividades a realizar. Em todo o caso, conforme referi antes, no âmbito da UA, parece-me que o IC-UA poderá ter um papel ainda mais alargado na Comunidade UA e, ao mesmo tempo, constituir-se como um elemento agregador de atividades múltiplas a desenvolver conjuntamente por diversas unidades orgânicas. Na região, espero que tenha um ainda maior envolvimento no âmbito da divulgação das culturas sino-portuguesas. Estou certo de que tanto a Dra. Guo Zhiyan como o Prof. Carlos Morais possuem a determinação e a motivação para continuar a fazer crescer o IC-UA no sentido acabado de referir. ■